

CIDADÃO RGE Turma do Sorriso leva alegria aos corredores do Hospital São Carlos em Farroupilha

NEREU ALMEIDA



HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR

Fantasiados de Peter Pan, Chiquinha, Branca de Neve, Doutor Sorinho, Bebê e palhaços, funcionários do hospital dedicam horas livres para cantar pelos corredores e nos quartos da instituição

Injeção de ânimo

Funcionários voluntários montaram coral para realizar visitas mensais a todos os pacientes

BABIANA MUGNOL

Farroupilha – Toda a vez que um grupo de personagens do imaginário infantil se transporta para os corredores do Hospital Beneficente São Carlos, soa uma canção de alento para quem está internado. Peter Pan, Chiquinha, Branca de Neve, Doutor Sorinho, Bebê e dois palhaços unem seus poderes e formam um esquadrão, cuja principal arma para combater o abatimento provocado pela doença é o canto. Esta é a Turma do Sorriso, composta por oito funcionários do hospital que se voluntariam a emprestar sua voz e carinho para aplicar uma injeção de ânimo nos pacientes.

*“Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver”.*

Ao ouvir a canção consagrada na voz de Roberto Carlos, na última sexta-feira, a dona de casa Caida Barbosa da Rosa, 47 anos, logo reconheceu a visita. Com problemas de compressão da coluna e na bexiga, e

utilizando sonda há dois anos, Caida precisa ser internada com frequência por causa da dor que sente e pela vulnerabilidade para contrair infecções. Por isso, já conhece bem a Turma do Sorriso:

– Eu amo o que eles fazem. Sinto muita emoção, como da outra vez em que eles cantaram a música do Claudinho e Buchecha (*Eu fico Assim sem Você*). É um trabalho tão bonito, que traz alegria e faz com que a gente esqueça da dor.

Na ala pediátrica, o repertório mi-



gra para cantigas populares infantis, como *Criança Feliz*. Bruna Fernandes, dois anos, levou um susto com a chegada dos personagens, mas logo se soltou e deixou até uma palhaça beijar seu nariz. A menina teve febre alta e convulsões e estava em observação no hospital há dois dias.

– É muito divertida a Turma do Sorriso e para a Bruna foi ótimo, porque ela estava ficando desanimada só na cama, já que não pode sair muito porque está tomando sorinho – diz a mãe, Neida.

Quem também se alegra é a téc-

nica de enfermagem Neli Moro, 43, que há quatro anos troca o jaleco pela peruca de palhaço. Escolheu o personagem por dois motivos: primeiro para animar os pacientes e, segundo, para aproveitar sua veia humorística.

– Eu gosto de ser palhaça, sempre fui – revela.

Volnei Cousseau, 19, é o mais novo integrante da Turma do Sorriso e o mais jovem em idade. Coincidência ou não, o atendente da farmácia do hospital resolveu participar do projeto pelo mesmo motivo pelo qual escolheu ser Peter Pan.

– Sou muito brincalhão – diz.

Quando veste macacão infantil, automaticamente a higienizadora do hospital, Enilda Petry, 51, começa a falar tal qual um bebê. É com este tom que a nenê de 1,44 metro de altura explica o que faz e como se sente.

– Eu não sei falar muito bem, porque sou bebê, mas é gratificante ver a reação das pessoas. Já vi gente na UTI se emocionando – descreve Enilda.

Professora de canto, Fernanda Bortolini Souto se voluntariou a ser instrutora da Turma do Sorriso por acreditar no poder da música.

– Escolhemos letras motivadoras. As crianças cantam junto e alguns adultos chegam até a chorar – conta Fernanda.

ONLINE

Participe

Comente esta reportagem e sugira novas matérias sobre voluntariado pelo e-mail leitor@pioneiro.com. O projeto Cidadão RGE é composto de 12 reportagens. No final do ano, você poderá votar e escolher a melhor história.

A alegria como remédio

A Turma do Sorriso se formou em 2003, a partir do projeto Doutor Sorinho, voltado para a ala pediátrica do Hospital São Carlos. Percebendo o interesse e a necessidade de expandir as ações para todos os pacientes é que surgiu o coral. Os ensaios quinzenais e as apresentações mensais no hospital são feitos fora do horário de serviço dos funcionários, mas a direção libera os voluntários quando coincide de o horário de trabalho ser o mesmo das atividades.

A psicóloga Márcia Fetter Nicoletti, coordenadora dos projetos de humanização hospitalar do São Carlos, destaca os benefícios da Turma do Sorriso, tanto para os pacientes quanto para os próprios integrantes.

– Eles oferecem o canto como uma forma de descontração, já que o hospital por si só é um ambiente muito amedrontador e, ao mesmo tempo, veem aumentar a sua autoestima – ressalta Márcia.

Para o administrador do São Carlos, Edson Martins, a iniciativa é capaz de auxiliar no tratamento.

– Na sua essência, o ambiente hospitalar é pesado por tratar de doenças e problemas. Por isso, além de dar remédios, queremos dar alegria – comenta Martins.

O pediatra Luís Mello comprova que um trabalho deste tipo pode contribuir para o paciente se sentir melhor.

– É positivo, porque a internação sempre causa algum grau de depressão pela saída do ambiente familiar, e a Turma do Sorriso atua para amenizar esse sofrimento que não consegue ser verbalizado – explica o médico.

A enfermeira Nelita Maria Ferri observa esses resultados.

– A alegria está na cara das pessoas. Só vendo como elas ficam com a Turma do Sorriso para perceber a diferença – descreve Nelita.